



## .PAISAGENS [A]RISCADAS Experimentações etno-gráficas multissituadas

Ivan Tadeu Gomes de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Florianópolis, Brasil

ivan.gomes@ufsc.br | ORCID iD: 0000-0002-0823-1570

### .a paisagem<sup>1</sup> e a infraestrutura multiespécies<sup>2</sup>

**P**rimero, a imanência mundana de um ponto de partida. Se a paisagem é malha densa, complexa, sem fim e sem começo e de impossível descrição em sua integralidade, isso não é motivo para desespero: podemos começar de qualquer lugar, pinçando qualquer um de seus inumeráveis fios. Às vezes, a arbitrariedade das afinidades nos ajuda a segurar em algo em meio à vertigem da contingência e do devir. Foi mais ou menos dessa maneira que, com

---

<sup>1</sup> A noção de paisagem que inspirou a observação participante desta pesquisa, fora subtraída por contágio no meu contato com as ideias de Anna Tsing (2019; 2020; 2022) e Tim Ingold (2015). As etnografias de Tsing me ajudaram a perceber a paisagem como assembleia multiespécies e projetos de fazer mundos que se reconfiguram sem cessar. Suas perspectivas me ensinaram, em primeiro lugar, a importância para a elaboração dos saberes antropológicos quando etnógrafos/as se arriscam notar e observar para além do humano e, em segundo lugar, o potencial da realização de pesquisas em ruínas, ou seja, em lugares na paisagem que passam despercebidos por olhares apressados em julgá-los como vazios, mortos ou pobres de vida. Já Tim Ingold me ensinou a traduzir para a linguagem antropológica as percepções que obtêm o/a etnógrafo/a que se esforça em habitar, se movimentar e produzir conhecimento sobre a paisagem que se atreve a pesquisar. As ideias de ambos, em geral, foram importantes para que minha percepção sobre o campo se tornasse mais sensível ao devir, à complexidade sistêmica, à mundanidade, às naturezas-culturas, às arbitrariedades, às contingências, aos terrores e às belezas das paisagens mais que humanas.

<sup>2</sup> Já a ideia de *infraestruturas multiespécies*, de autoria de Morita Atsuro (2017), é mobilizada aqui por ser boa para pensar a relação entre os peixes e a ponte. Em síntese, as pilastras da ponte foram convertidas em pesqueiros, uma vez que animais bentônicos, como ostras e mexilhões, percebem na superfície de concreto das pilastras um excelente substrato para se fixarem. Dessa relação estranha aos propósitos da pilastra do ponto de vista funcional, são atraídos peixes que, por sua vez, atraem os pescadores. Morita chamaria esse fenômeno de “*infrastructural involution*”, algo parecido com os efeitos ferais causados pela associação de seres mais que humanos com o design não intencional das infraestruturas antropogênicas de que fala Anna Tsing (2021).



os dedos em pinça, agarrei uma das linhas que compõem a malha da paisagem da baía de Florianópolis. A linha em questão sequer fora um lugar, mas uma cosmotécnica: a arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*. Fora a partir desse fio que meu trajeto etnográfico teve início nessa paisagem.

Fora a partir desse fio que aprendi muito do pouco que hoje eu sei sobre a baía. Isso porque o exercício dessa arte de pesca exige de seus praticantes – que foram alguns dos meus interlocutores – um conhecimento bastante aprofundado sobre os outros fios que compõem, se tocam e se misturam nessa malha: os segredos das marés, os peixes e suas características e hábitos particulares, as histórias em torno da prática e as histórias da paisagem, os efeitos do vento, a qualidades dos materiais, os modos de se relacionar entre si e com outros habitantes, as perturbações causadas pelas infraestruturas como aterros e dragagens e uma série de outros elementos que somente uma cosmotécnica é capaz de destacar.

Para buscar conhecer essa cosmotécnica, fora preciso, antes, *notá-la*. E para notá-la, fora preciso, várias vezes e ao longo de anos, percorrer de bicicleta, como o típico habitante ingoldiano, um trajeto “subterrâneo” da baía: a passarela sul da ponte Pedro Ivo Campos. É senso comum que acessar e deixar a ilha de Florianópolis para trás ocorre a partir de suas pontes<sup>3</sup>; e de automóvel, de preferência. Na época em que esta pesquisa teve início – 2017 –, a única maneira de percorrer, a pé ou de bicicleta, a travessia do continente à ilha e vice-versa, era pela passarela sul da ponte Pedro Ivo Campos. Mas esse era um trajeto marginalizado, cercado de uma aura de perigo e mistério que contaminava a imaginação da maioria das pessoas para quem eu descrevia meu campo de pesquisa. Enquanto isso, há décadas, uma arte de pesca se aproveitava desse *vazio* (Gomes, 2024, no prelo) para convertê-lo em fonte de acesso a outros modos de habitar, conhecer e se relacionar com a paisagem da baía.

## .a pesquisa

De seu princípio situacionista, o método de acessar e conhecer a paisagem multiespécies da baía a partir das percepções e sensibilidades resultantes da cosmotécnica da pesca com *ferrinho* e *tabuinha* se mostrou profundamente fértil. O que no início era uma breve curiosidade que tinha ao pedalar pela passarela e ver aquelas pessoas ali, aparentemente paradas, ocupadas com uma prática mundana e comum, se mostrou um fenômeno etnográfico instigante quando observado com mais paciência e ainda mais curiosidade. A proposta de pesquisa já definira desde o começo que essa técnica seria alvo de observação participante e descrição etnográfica. Mas fora ao longo do trajeto de pesquisa que as outras linhas dessa paisagem se impuseram, exigindo consideração etnográfica e um aporte teórico que desse conta de elaborar uma

---

<sup>3</sup> Aqui vale uma contextualização sobre o período da pesquisa e o dinamismo da paisagem, seus trajetos e suas infraestruturas: em 2017, quando as incursões a campo começaram, apenas duas pontes operavam para a dita travessia com automóveis: a Pedro Ivo Campo – para quem viajava do continente à ilha; e a Colombo Machado Salles – para quem viajava da ilha ao continente. Do início da pesquisa até 2020, caso o/a vivente quisesse fazer esses trajetos andando ou pedalando, era preciso usar a única passarela disponível: da ponte Pedro Ivo Campo. A partir de 2020 esse cenário se altera com a reinauguração da controversa ponte Hercílio Luz, tornando-se uma alternativa para pedestres e ciclistas – mas não para os praticantes da arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*.

etnografia capaz de descrever o que interessava àquela arte de pesca e aos seus praticantes. Ou seja, fora preciso fazer o que Anna Tsing chama de *descrição crítica*, isto é, uma descrição que não se limitasse ao excepcionalismo humano e considerasse nas observações participantes e na pesquisa bibliográfica e de arquivo os projetos de fazer mundo de outros habitantes dessa paisagem: humanos e não humano, seres orgânicos e inorgânicos, visíveis e invisíveis, em ininterrupta relação recursiva e cibernética (Hui, 2020; Bateson, 1987).

O mais urgente objetivo deste caminho etnográfico era – e ainda é – o de apresentar a complexa profundidade de saberes que se manifestam a partir de uma cosmotécnica subestimada pelo *status quo* dos campos de legitimação de existência, o que Viveiros de Castro chama de “santíssima trindade”: o Estado, o Mercado e a Ciência. Quem são os pescadores da ponte na fila de direitos de habitar a baía e de usos da ponte? E o que a sua prática pode nos ensinar? Escolhi me dedicar a essas questões, com especial ênfase a esta última, por entender que, além de argumentar que os saberes por eles mobilizados a partir da mediação desta cosmotécnica, no atual contexto histórico de catástrofes climáticas e das discussões sobre os limites, a arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho* e seus praticantes teriam algo a contribuir e a nos ensinar.

Uma vez que me vi diante da diversidade de artes de notar a assembleia mais-que-humana (Tsing, 2019; 2021; 2022) e da tarefa de tratá-las e traduzi-las para contornos etnográficos, abri a minha própria caixa de ferramentas descritivas e de artes de notar e, encorajado pelos professores Rafael Devos (meu orientador), Gabriel Coutinho Barbosa e Aina Azevedo, arrisquei a composição de uma etno-grafia que contasse com diversas grafias: a científica, a etnográfica, a literária e a do desenho/ilustração. Tal diversidade não se deu por uma suposta tentativa de fuga dos rigores científicos, senão por seu contrário: em afinidade com a percepção de Anna Tsing (2022), percebi que, da mesma forma que conhecer paisagens multiespécies profundamente exige a mobilização de diversas cosmologias, a apresentação de uma etnografia que parte desse método também exigiu, pelo menos no meu caso, uma pluralidade de suportes gráficos que se esforçassem em fazer justiça à diversidade de artes de notar que me ajudaram a conhecer a baía de Florianópolis. E foi a partir desta escolha metodológica de composição e apresentação das descrições etnográficas que surge a iniciativa da elaboração do *website .paisagens [a]riscadas*.

### **.paisagens [a]riscadas**

Incentivado pela proliferação de etno-grafias recentes, que mobilizam desenhos e ilustrações como uma das “grafias” – seja como método de anotação em cadernos de campo (Taussig, 2011), seja como suporte principal na apresentação da pesquisa (Azevedo & Schroer, 2016; Zhou, 2021) ou como ambos –, e instigado pelo meu orientador, me arrisquei a adotar o desenho como método de pesquisa etnográfica. Apesar de manter o hábito de desenhar despreziosamente como artifício para me manter concentrado, a linguagem que mais me sentia – e ainda sinto – seguro em mobilizar na descrição etnográfica é a escrita. Mesmo assim, fui convencido de que a experiência com o desenho poderia ativar percepções e sensibilidades específicas na prática da pesquisa: mais uma cosmotécnica em ação na paisagem; mais uma arte

de notar, com características bastante peculiares. Dessa maneira, exercitei o desenho durante algumas incursões a campo e, após, no tratamento do material etnográfico.

Em campo, o desenho atuava tanto na educação da minha atenção diante das diversas linhas que se manifestavam na malha da paisagem que eu estava etnografando, como servia como formação de vínculo com os interlocutores humanos, que ficavam curiosos com aquela prática estranha ao ambiente – mais estranha do que já é a presença de um/a etnógrafo/a. A temporalidade inerente ao desenho em campo tem suas vantagens (Ingold, 2015). Já no ambiente pseudo controlado do escritório, durante o tratamento do material e composição da etnografia, utilizei fotografias tiradas em campo ou mesmo da internet para fazer os desenhos, bem como memórias e descrições dos fenômenos anotados no caderno de campo para arriscar desenhos do que não é visível, mas perceptível por meio de outros sentidos – como o vento. Esse método me permitia voltar ao material coletado e me relacionar com ele com a temporalidade particular do desenho que mencionei antes. Em relação ao aspecto “gráfico” do desenho, é marcante o potencial que essa técnica possui de destacar as linhas que o/a etnógrafo/a quer destacar da paisagem – sejam essas linhas de contorno de um participante da assembleia multiespécies que é a paisagem ou dos movimentos e das relações específicas que se quer destacar. As linhas, sejam elas de grafite, nanquim ou *bits*, podem ser úteis na apresentação desses elementos e fenômenos e um convite ao/à leitor/a para buscar enxergá-las por conta própria caso se arrisquem a trajetar pela paisagem etnografada.

Uma vez que vi concluído o capítulo *Guia de Relações Multiespécies da Baía de Florianópolis*, totalmente composto por desenhos, senti que deveria encontrar uma maneira de fazê-lo transbordar para além da dissertação. E foi com o lançamento do *Feral Atlas* que a ideia do *website* ganhou força. Cheguei a cogitar uma conta no Instagram, mas haveria implicações inerentes à plataforma que me fizeram dissipar essa ideia. Meu intuito era a elaboração de um suplemento que não demandasse da dinâmica relacional e das consequências éticas, estéticas e afetivas que reverberam dos algoritmos da plataforma. Por mais que o público atingido fosse menor em termos quantitativos, eu preferia arriscar um site tão subterrâneo quanto a passarela Pedro Ivo Campos, ou seja, que dependesse mais das relações e afinidades eletivas do que do charme em cor pastel. Em suma, algo semelhante ao que percebi com o *Feral Atlas*: uma zona autônoma temporária cibernética, um *happening* virtual. Desse esforço, o site agora poderia servir como uma singela linha na micro-malha de pesquisa no campo da Antropologia das Paisagens da Ciência e Tecnologia, como na malha da pesquisa antropológica como um todo, convidando colegas antropólogos/as – mas não apenas dessa área da ciência – a arriscar a composição de etnografias nos suportes que julgarem interessantes para a apresentação de suas pesquisas. Ao mesmo tempo que sentia cumprir parte da responsabilidade que eu adquirira junto aos interlocutores da pesquisa – humanos e não humanos.

Dito isso, o ensaio gráfico que segue é um subproduto de todo esse caminho que tentei resumir até aqui. Ele serve tanto em sua instância digital, quanto para uma futura instalação urbana em planejamento. Para seu uso digital, além dos argumentos presentes nas peças em si – que dialogam diretamente com as discussões antropológicas presentes na etnografia –, o público-leitor/a encontra uma fissura de acesso ao *website* em formato de *hiperlink* escondido entre os croquis e as linhas de desejo compostas em malha. Seu uso analógico ainda está em fase de planejamento – já bastante adiantado – e poderá ser acompanhado mais adiante no *website*

*.paisagens [a]riscadas*. A depender do momento que você, leitor/a, estiver lendo essas linhas, pode ser que esta intervenção já tenha ocorrido e até mesmo se apagado: *pari passu* à impermanência da paisagem da baía de Florianópolis.

CIDADE DE  
FLORIANÓPOLIS

PONTA DO LEAL

ESCALA-1:25.000

1955

AGRONÔMICA

PEDRA GRANDE

BAÍA NORTE

MORRO DA CRUZ

PRAIA DE FORA

GAIXA D'ÁGUA

FREITO

CENTRO

TRINDA

PALHOÇINHA

BAÍA SUL

PRAINHA

SACO DOS LINDOS

ABRÃO

COQUEIROS

JOSE MENDES

ITAGUAÇU

15000 2000 3000 4000 5000 6000 7000 8000 9000 10000 11000 12000 13000 14000 15000







### (3/6) Nyarachu Bridge General View

SIDE VIEW S=1:400

CROSS SECTION S=1:200



PLAN VIEW S=1:400

A1-ABUT S=1:100

A2-ABUT S=1:100

#### The Terms Of Design

Design Order	Final Order Bridge
Bridge Length	40.00m
Span Length	30.00m
Road Width	6.00m
Load Class	FVC Class A
Design Wind Speed	40m/s (22 Kmph)
Frame	Pre-stressed Concrete Box Girder
Span	40x30.00m <sup>2</sup>
Deck	Cast in-situ
Water Level	High Water Level
Substructure	100/12.7m
Structure	Inverted T Type Abutment
Foundation	Spread Foundation
Abutment	40x21.00m <sup>2</sup>
Pier	Cast in-situ
Foundation	100/12.7m





(6/6) Loring Bridge General View

SIDE VIEW S=1:600



Gradient  
Proposed Height  
Ground height  
Distance  
Station

PLAN VIEW S=1:600

A1-ABUTMENT A2-PIER S=1:300

### Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Aina; SCHROER, Sara Asu. 2016. “Weathering: a graphic essay”. *Vibrant*, 13(2).
- BATESON, Gregory. 1987. *Steps to an Ecology of Mind*. San Francisco: Chandler Pub. Co.
- DEVOS, Rafael V.; VEDANA, Viviane; BARBOSA, Gabriel C.. 2016. “Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental da pesca da tainha”. *Revista GIZ* (Online), 1(1): 41-58.
- GOMES, Ivan. 2020. *Paisagens [ar]riscadas: infraestruturas daninhas, assembleias multiespécies e ressurgências criativas na baía da Ilha de Santa Catarina*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, PPG em Antropologia Social.
- GOMES, Ivan. 2021. *.paisagens [ar]riscadas*. Disponível em: <https://paisagensariscadas.wordpress.com/> , acessado em: 24 de abril de 2023.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Trad. Fábio Creder. Rio de Janeiro: Vozes.
- MORITA, Atsuro. 2017. “Multispecies infrastructure: infrastructure inversion and involutory entanglements in the Chao Phraya Delta, Thailand”. *Ethnos*, 82(4).
- TSING, Anna. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.
- TSING, Anna *et al.* 2021. *Feral Atlas*. Disponível em: <https://feralatlas.supdigital.org/> , acessado em: 24 de abril de 2024.
- TSING, Anna. 2021. “O Antropoceno mais que Humano”. *Ilha - Revista de Antropologia*, 23(1).
- TSING, Anna. 2022. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições.
- ZHOU, Feifei. *Historical and fantastical landscapes: the making of Anthropocene detonators*, 2021. Disponível em: <https://feralatlas.supdigital.org/?cd=true&rr=true&cdex=true&text=feifei-zhou-historical-and-fantastical-landscapes&ttype=essay&name=true> , acessado em: 24 de abril de 2024.

Enviado: 10 de dezembro de 2024  
Aceito: 05 de maio de 2024

## **.PAISAGENS [A]RISCADAS: EXPERIMENTAÇÕES ETNO-GRÁFICAS MULTISSITUADAS**

### **Resumo**

o website .paisagens [a]riscadas é a continuidade de um modo experimental de apresentar os resultados de uma pesquisa etnográfica. Uma continuidade particular – visto não ser a primeira experimentação virtual que elabore para tal finalidade – e uma continuidade coletiva – haja vista a frutífera proliferação de suportes semelhantes no passado recente da Antropologia, a exemplo do Feral Atlas. Arriscando perder-se na malha virtual do ciberespaço, a criação de um website tem o potencial de colaborar no processo de ensino da antropologia e de difusão da pesquisa etnográfica para além do campo da disciplina, ampliando as possibilidades de contágio e conversa com outros saberes: acadêmicos ou não.

### **Palavras-chave**

paisagem; ciência e tecnologia; divulgação científica; desenho; pesca.

## **.RISK[ED] LANDSCAPES: MULTI-SITED ETNO-GRAHICS EXPERIMENTARIONS**

### **Abstract**

the website .risk[ed] landscapes is the continuation of an experimental approach to presenting the findings of an ethnographic research. It represents a particular continuity, as it is not the first virtual experimentation undertaken for this purpose, and a collective continuity, considering the fruitful proliferation of similar platforms in recent Anthropological endeavors, such as the Feral Atlas. By venturing into the virtual meshwork of cyberspace, the creation of a website has the potential to contribute to the teaching of anthropology and the dissemination of ethnographic research beyond the disciplinary boundaries, expanding possibilities for engagement and dialogue with other forms of knowledge, whether academic or not.

### **Keywords**

landscape; science and technology; scientific dissemination; drawing; fishing.